

B8

RIO 2016

DOMINGO, 21 DE AGOSTO DE 2016

★ ★ ★ FOLHA DE S. PAULO



Bradesco



CVC

CRIANÇA
LEOCÁDIO*

Lelê se despede das lelimpiadas

O meu nome é Leocádio, mas todo o mundo me chama de Lelê. Quer dizer, todo o mundo menos o meu avô, que está me chamando de Lelelimpico.

— Lelelimpico, vamos ligar a tevê? Não quero perder nada do último dia da Olimpíada.

— Último? Já? Poxa, estava tão legal...

— É uma pena mesmo. Mas vamos ganhar um bom prêmio de consolação: a festa de encerramento.

— Aposto que vai ser o maior legal. Todo o mundo vai ver.

— Nem todo o mundo, nem todo o mundo...

— O que será que vão fazer desta vez?

— Se for como nos Jogos de Olímpia, uma grande procissão irá até o Fôrtico do Eco e um arauto proclamará o nome dos campeões, que estarão usando fânicas bordadas em outro e prata.

— Não tinha escola de samba?

— Acho que não. Mas o melhor da festa começava no dia seguinte: os vencedores eram banhados, massageados com óleo, colocavam uma roupa bonita e viajavam de volta para suas casas em carros puxados por cavalos brancos.

— Hoje eles vão de avião. É bem mais rápido.

— Mas não tem o mesmo charme. No caminho, toda cidade por qual eles passavam fazia uma grande festa.

— Quando chegavam à cidade deles, tinha desfile em carros de bombeiros?

— Bombeiros?

— Aquela cara do boxe não desfilou num carro de bombeiros em Salvador?

— Ah, o Robson Conceição!

É verdade. Aposto que também vão fazer um para o Thiago Braz em Curitiba. E, para o Isaquias Queiroz, lá em Ubaitaba, deve ter um desfile de canoas. Mas na Grécia era diferente: Os campeões entravam em suas cidades sob uma chuva de flores, por uma brecha cavada na muralha.

— Faziam um buraco só para eles?

— Faziam. Porque os campeões eram considerados invencíveis e não podiam usar uma passagem comum.

— Aíca!

— A honra de ser um vencedor era o mais importante, mas eles podiam ganhar casas, terras e títulos de nobreza. Além disso, também não pagavam impostos e ganhavam lugares especiais nos teatros.

— Uau! E hoje, o que os campeões ganham?

— Contratos de publicidade.

— Era melhor ganhar antigamente ou é melhor agora?

— Tanto faz, porque de qualquer forma o vencedor fica imortalizado. Antigamente, se você ganhasse três Olimpíadas, faziam uma estátua igualzinha a você. Hoje os atletas aparecem em comerciais, reportagens e documentários.

— O que você prefere, vô: estátua ou comercial?

— Acho que uma estátua é melhor.

— Até já sei como ela ia ser: o senhor ia estar de pijama, sentado numa poltrona, e na placa iam escrever: "Vovô, o controle remoto mais rápido das Olimpíadas!".

— Puxa, seria uma homenagem lelelimpica!

* Lelê é um personagem de oito anos criado pelo escritor JOSÉ ROBERTO CONDE

CACO



CANOAGEM

Isaquias leva 3ª medalha e atinge lugar único no Brasil

Baiano é 1º brasileiro a subir três vezes ao pódio na mesma edição dos Jogos

ÉDER FANTONI
MARCEL MERGUZO
PAULO ROBERTO CONDE
ENVIADOS ESPECIAIS AO RIO

Isaquias Queiroz, 22, nasceu em Ubaitaba, cidade no interior baiano cujo significado em tupi é "cidade das canoas". Os Jogos do Rio provaram que, por trás dessa coincidência, há uma mística. O aguardado ouro não veio, mas a façanha do baiano Isaquias Queiroz, 22, na Olimpíada carioca ganhou uma dimensão muito maior que a de qualquer metal.

Ao lado de Erlon Souza, 25 —baiano de Ubatá, que significa "canoas forte"—, ele conquistou neste sábado (20) a prata na prova C2 1.000 m e se tornou o primeiro brasileiro a subir três vezes ao pódio em uma mesma Olimpíada.

Pelo mérito do feito, foi escolhido o porta bandeira do Brasil na cerimônia de encerramento deste domingo (21), às 20h, no Maracanã.

Agora, o canoísta habita um patamar só seu. Ele obteve na terça-feira (16) uma prata no C1 1.000 m e, na quinta (18), um bronze no C1 200 m. Assim superou os atrádores Guilherme Paraense e Afrânio da Costa (Atuérpia-1920) e os nadadores Gustavo Borges (Atlanta-1996) e Cesar Cielo (Pequim-2008), todos com duas laureas em cada uma destas edições. "Me sinto muito feliz em ter quebrado esse recorde mas,

como falei, não é só meu. Tenho muito que agradecer à minha equipe e aos que me ajudaram", disse Isaquias.

Ele chegou a se ajoelhar diante dos torcedores como forma de agradecimento.

"Nos trancamos nesses últimos meses para treinar e não ser perturbado. Merecia minha medalha de ouro foi a torcida", complementou o atleta, que receberá R\$ 132 mil de bônus da confederação brasileira pelo feito.

O confinamento promovido pelo técnico espanhol Jesus Morlan deixou Isaquias três meses sem ver a namorada, Larissa, por exemplo. Só se falavam ao telefone antes das 20h, horário que o treinador estabeleceu para que os seus atletas dormissem.

A exceção de Erlon, que mora com a mulher, Rosângela, os outros integrantes da seleção brasileira de canoagem velocidade convive em uma casa em Lagoa Santa, Grande Belo Horizonte.

A moradia em conjunto foi considerada um dos principais trunfos para a campanha no Rio. A base na cidade mineira será mantida para o próximo ciclo olímpico rumo aos Jogos de Tóquio, em 2020.

Morlan, cujo contrato se encerra após a Rio-2016, também aceitou permanecer com vistas à Olimpíada do Japão. A canoagem brasileira jamais havia ido ao pódio em Jogos Olímpicos. Para ajudar,

foi executada uma artimanha. Houve um lobby feito pela confederação brasileira e pelo Comitê Olímpico do Brasil para que a ordem das provas fosse alterada para beneficiar Isaquias.

Diferentemente de Londres-2012, por exemplo, não houve duas provas de longa distância (1.000 m) consecutivas —elas foram intercaladas pela de 200 m—, o que ajudou Isaquias.

As três medalhas equiparam os canoístas ao judô, à ginástica artística e ao vôlei (contando quadra e praia) como esportes que mais foram torados para o país no Rio.

A PROVA

Isaquias e Erlon tomaram a dianteira desde a largada e ficaram bem à frente dos rivais por praticamente 750 m.

No quarto final de prova, porém, os alemães Sebastian Brendel e Jan Vandrey tiveram uma reação espetacular e saíram da quinta posição para o ouro (3min48s12). Os brasileiros terminaram em 3min48s19, seguidos dos ucranianos Dmytro Lanchuk e Taras Mischuk (3min45s94).

Em 2015, a dupla brasileira havia sido campeã mundial da distância em Milão.

"As três medalhas não são só minhas. São do Brasil", afirmou Isaquias, enquanto Erlon completou. "Infelizmente, não deu para ganhar o ouro, mas fica para Tóquio", prometeu.

O FENÔMENO
ISAQUIAS

Canoísta conquistou treze medalhas em cinco anos

Jul.11 (17 anos) campeão na C1 200 m e vice no C1 500 m no Campeonato Mundial Júnior, na Alemanha

Set.13 (19 anos) medalhas de ouro na C1 500 m e de bronze na C1 1000 m no Mundial de Canoagem, na Alemanha

Ago.14 (20 anos) medalhas de ouro na C1 500 m e de bronze na C2 200 m no Mundial de Canoagem, na Rússia

Jul.15 (21 anos) no Pan do Canadá, conseguiu medalhas de ouro na C1 200m, na C1 1000m e de prata em dupla na C2 1000m

Ago.15 (21 anos) conquista medalhas de ouro na C2 1000m e de bronze na C1 200m no Mundial em Milão

Ago.16 (22 anos) torna-se o 1º brasileiro a conseguir 3 medalhas em uma Olimpíada

3 medalhas em uma Olimpíada

Canoísta superou os vencedores de duas medalhas em uma edição:

Afrânio da Costa e Guilherme Paraense (Atuérpia 1920, tiro esportivo)

Gustavo Borges (Atlanta 1996, natação)

Cesar Cielo (Pequim 2008, natação)



Erlon Souza e Isaquias Queiroz após a vitória

ANÁLISE

Após desempenho brilhante, canoagem do país fica à espera de respostas

LUÍS CURRO
ENVIADO ESPECIAL AO RIO

No país do futebol, o brilho na canoagem soa estranho, quase uma aberração.

Se houvesse prêmio para o melhor atleta do Brasil nesta Olimpíada, iria, fácil, para o falante Isaquias Queiroz, 22, dono de três medalhas.

Um projeto social na cidade natal, Ubaitaba, deu-lhe a oportunidade de remar. E Isaquias remou, remou e remou... Até chegar aonde chegou.

E o merecedor de prêmio de melhor coadjuvante seria seu companheiro na medalha nº 3, o sereno Erlon Souza, 25, baiano como Isaquias.

Temperamentos diferentes, eles fazem valer a máxima "os opostos se atraem". Os três pódios, surpreendentes para o grande público, fizeram a canoagem obter em seis dias o que o hipismo levou três Olimpíadas (1996, 2000 e 2004): três pódios.

Nesse curtíssimo período, deixou para trás pentatlo moderno e taekwondo (uma medalha cada um) e se aproximou da badalada ginástica artística e do tiro esportivo (quatro medalhas cada um).

Nesta Olimpíada, a canoagem se igualou à ginástica e ao judô (três medalhas cada) e brilhou bem mais que os nobres atletismo (uma) e natação (nenhuma) e que a sempre bem cotada vela (uma).

E então vêm as perguntas. A primeira, que surge sempre que um esporte dá as cartas pela primeira vez, é: a canoagem veio para ficar?

Foi assim com o tênis. Não apareceu sucessor de Gustavo Kuerten, mesmo com o sucesso que o tricampeão de Roland Garros fez, e faz, apesar de aposentado há anos.

A segunda é: Isaquias terá o devido reconhecimento? Pois as três medalhas no Rio foram únicas, superando nomes como os das nadadoras Cesar Cielo e Gustavo Borges.

Mas tratada a mídia esse fenômeno com a merecida exposição? Autoridades esportivas agirão para que ele e Erlon não sejam exceções, agulhas em um palheiro?

Isaquias e a canoagem aguardarão, e em algum tempo saberão, as respostas.